

* Mais de
100 milhões
de cópias
vendidas
no mundo

NAPOLEON HILL

Autor do *best-seller* mundial *Pense e enriqueça*



ESPERTO QUE O DIABO

O mistério revelado da liberdade e do sucesso



UMA
ENTREVISTA
EXCLUSIVA COM
O DIABO

Escondida
desde
1938

Tradução e Epílogo
M.Conte Jr. FRC, M.: M

आरोग्य

क्षमता

विज्ञान

योग

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



“Medo é a ferramenta de um Diabo idealizado pelo homem. A fé inabalável em si mesmo é tanto a arma que derrota este Diabo quanto a ferramenta que o homem utiliza para construir uma vida de sucesso. E é mais do que isso. É uma conexão direta com as forças irresistíveis do universo que apoiam o homem que não acredita em fracassos e derrotas, senão como experiências meramente temporárias.”

Napoleon Hill



ESPERTO
QUE O DIABO

NAPOLEON HILL

+ ESPERTO
QUE O DIABO

O Mistério Revelado da Liberdade e do Sucesso

2ª Edição

Tradução e Epílogo
M. Conte Jr. FRC, M.:M



CITADEL
Grupo Editorial
Porto Alegre

2015

Do original em inglês *Outwitting the Devil*

COPYRIGHT © 2011 By

The Napoleon Hill Foundation 1ª edição em português: 2014
Direitos reservados desta edição: CDG Edições e Publicações **Tradução**
M. Conte Jr. FRC, M. M

Preparação de texto e revisão

José Renato Deitos

Capa

Pâmela Siqueira

Projeto gráfico e editoração

Isabel Kubaski

Adaptação para eBook

Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)



Hill, Napoleon
Mais esperto
que o diabo: o
mistério revelado
da liberdade e do
sucesso. /

H647m

Napoleon Hill,
tradução e epílogo
de M. Conte Jr. –
Porto Alegre:
CDG, 2014.

200p.

ISBN 978-85-
68014-00-4

1. Literatura -
ficção. I. Conte
Jr., M. II.
Título.

CDU 820-3

Bibliotecária Responsável: Ana Lúcia Trindade CRB/10-1235

Dados técnicos do livro

Fontes: Times New Roman, Arial **Papel:** lux cream 70g (miolo) e supremo 240g (capa) **Medidas:** 15,8x23cm *Autor de mais de 100 milhões de cópias vendidas segundo a Fundação Napoleon Hill

SUMÁRIO

Capítulo Um
MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM ANDREW CARNEGIE

Capítulo Dois
UM NOVO MUNDO SE REVELA PARA MIM

Capítulo Três
UMA ESTRANHA ENTREVISTA COM O DIABO

Capítulo Quatro
ALIENANDO-SE COM O DIABO

Capítulo Cinco
A CONFISSÃO CONTINUA

Capítulo Seis
RÍTMO HIPNÓTICO

Capítulo Sete
SEMENTES DO MEDO

Capítulo Oito
PROPÓSITO DEFINIDO

Capítulo Nove
EDUCAÇÃO E RELIGIÃO

Capítulo Dez
AUTODISCIPLINA

Capítulo Onze
APRENDENDO COM A ADVERSIDADE

Capítulo Doze
AMBIENTE, TEMPO, HARMONIA E PRECAUÇÃO

RESUMO

EPÍLOGO

+ ESPERTO QUE O DIABO

Pelo homem que quebrou o código do Diabo e o forçou a confessar.

O mais corajoso e inspirador de todos os livros de autoconhecimento, escrito pelo filósofo do sucesso número 1 da América, que, após trinta anos de pesquisas, achou o Diabo e arrancou dele uma confissão fantástica, revelando onde ele mora, por que ele existe, como ele ganha o controle da mente das pessoas e o principal: como qualquer um pode vencê-lo. Este livro é um curso generoso em psicologia, deixando claros os princípios de como funciona a mente humana. Quando você terminar esta história do Diabo, você saberá muito mais sobre Deus.

Por Napoleon Hill

Autor de Pense e enriqueça

Capítulo Um

MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM ANDREW CARNEGIE

Por mais de um quarto de século, meu principal objetivo foi o de separar e organizar, em uma filosofia de realizações, as principais causas tanto do fracasso como do sucesso, com o objetivo de ser útil a todos os outros que não têm nem a inclinação nem a oportunidade de se engajar nesse tipo de pesquisa.

Meu trabalho começou em 1908, como resultado de uma entrevista que fiz com Andrew Carnegie. Eu, francamente, contei ao senhor Carnegie que eu tinha concebido a ideia de entrar para a faculdade de Direito e que eu havia pensado em pagá-la entrevistando homens e mulheres bem-sucedidos, descobrindo como eles conseguiam sucesso e descrevendo as minhas descobertas para revistas. No final de minha visita, o senhor Carnegie me perguntou se eu tinha ou não coragem para realizar algo que ele estava para me oferecer. Respondi que coragem era tudo o que eu tinha e que estava preparado para dar o meu melhor, independentemente da proposta que ele tinha a me oferecer.

Ele então disse:

“A sua ideia de escrever histórias sobre homens e mulheres bem-sucedidos é memorável enquanto ideia, e eu não tenho nenhuma intenção de tentar desencorajá-lo de cumprir o seu objetivo. Mas eu preciso lhe dizer que, se você realmente quer fazer um serviço que seja útil, não somente para as pessoas de hoje, mas também que dure para toda a posteridade, ocupe o seu tempo organizando, baseado nessas histórias, as causas do fracasso e do sucesso dessas pessoas. Há milhões de pessoas no mundo que não têm a menor concepção das causas do sucesso e do fracasso. As escolas e faculdades ensinam praticamente tudo, exceto os princípios de realização pessoal. Eles exigem que jovens, homens e mulheres, passem de quatro a oito anos adquirindo conhecimentos abstratos, mas não os ensinam o que fazer com esse conhecimento depois de tê-lo.

“O mundo está precisando de uma filosofia de realização prática e inteligível, organizada a partir de conhecimento resultante da experiência de homens e mulheres da grande universidade da vida. Em todo o campo da filosofia, eu não encontro nada que se assemelhe ao tipo de filosofia que tenho em mente. Nós temos muito poucos filósofos que são capazes de ensinar a homens e mulheres a arte de viver. Parece, para mim, que há uma oportunidade que deveria desafiar um jovem ambicioso do seu tipo, mas ambição pura não basta para essa tarefa que eu sugeri. Aquele que ousar seguir minha sugestão deverá ter coragem e tenacidade.

“O trabalho demandará pelo menos vinte anos de esforço contínuo, durante o qual aquele que topa terá que ganhar a vida com outra fonte de

renda, porque esse tipo de pesquisa nunca é lucrativo no seu início, e geralmente os poucos que se aventuraram a contribuir para a civilização através de trabalhos dessa natureza tiveram que esperar cem anos ou mais após seus próprios funerais para receber reconhecimento pelo seu feito. Se você prosseguir com esse trabalho, deve entrevistar não somente os poucos que foram extraordinariamente bem-sucedidos, mas também os muitos que fracassaram. Você deve cuidadosamente analisar milhares de pessoas que foram classificadas de ‘fracassadas’ – e eu quero dizer com o termo ‘fracassado’ homens e mulheres que chegam aos estágios finais de suas vidas desapontados porque não conseguiram alcançar as metas que haviam se proposto de coração. Tão inconsistente como parece ser, você aprenderá muito mais como ser bem-sucedido a partir dos fracassos do que com o tão chamado ‘sucesso’. Eles lhe ensinarão o que não fazer.

“Na parte final da sua pesquisa, se você conseguir com sucesso manter o foco, fará uma descoberta que poderá ser uma grande surpresa. Descobrirá que a causa para o sucesso não é algo separado e longe do homem, mas que é uma força tão intangível na natureza, que a maioria dos homens nunca a reconhece; uma força que pode muito bem ser chamada de ‘Outro Eu’. O mais interessante é o fato de que este ‘outro eu’ raramente exerce sua influência ou se faz conhecer, exceto em momentos de emergência, quando os homens são forçados, por meio das adversidades e das derrotas temporárias, a mudar seus hábitos e pensar estratégias para sair das dificuldades. Minha experiência me ensinou que um homem nunca está tão perto do sucesso como quando o que ele chama de ‘fracasso’ toma conta de sua vida, porque nessas ocasiões ele é forçado a pensar. Se ele pensar com exatidão e com persistência, vai descobrir que aquilo que ele chama de fracasso, na verdade, nada mais é que um sinal para elaborar um novo plano ou objetivo. **A maior parte dos fracassos reais se deve a limitações que os homens impõem a si mesmos em suas próprias mentes.** Se eles tivessem a coragem de ir mais um passo à frente, eles descobririam os seus próprios erros.”

Começando uma vida nova

O discurso do senhor Carnegie reformulou a minha vida por completo e plantou em minha mente um desejo ardente, que me orientou sem cessar. Isso aconteceu mesmo eu não tendo a mais vaga ideia do que significava o termo o “Outro Eu”.

Durante o meu trabalho de pesquisa nas causas de fracasso e sucesso, tive o privilégio de analisar mais de 25 mil homens e mulheres que eram rotulados de “derrotados”, e mais de 500 que eram classificados de “bem-sucedidos”. Muitos anos atrás, tive meu primeiro contato com aquele “Outro Eu” que o senhor Carnegie havia mencionado. A descoberta veio como ele

disse que viria: como resultado de dois pontos cruciais da minha vida, mas que foram, na verdade, emergências e que me forçaram a pensar um jeito de vencer as minhas dificuldades de tal maneira que eu nunca havia experimentado.

Gostaria que fosse possível descrever essa descoberta sem o uso do pronome pessoal “eu”, mas isso é impossível, visto que ela ocorreu através de experiências pessoais que não podem ser separadas. Para dar uma visão completa da descoberta, terei que voltar ao primeiro desses dois pontos marcantes da minha vida e mostrar, passo a passo, essa descoberta.

Para realizar a pesquisa, com a compilação de dados, foram necessários anos de trabalho. Eu tinha chegado à falsa conclusão de que minha tarefa de organizar uma filosofia completa de sucesso pessoal havia terminado. Longe de estar completo, meu trabalho havia apenas começado. Eu havia erigido o esqueleto de uma filosofia, organizando os dezessete princípios do sucesso e as trinta maiores causas do fracasso, mas aquele esqueleto tinha que ser coberto com a carne da realização e da experiência. Além disso, tinha que ser dada ao trabalho uma alma que inspirasse homens e mulheres a não somente transporem obstáculos, mas também a não se deixarem abater por eles.

A “alma”, que ainda teria que ser adicionada, como eu descobri depois, somente se tornaria disponível após aparecer o meu “outro eu”, através dos dois pontos cruciais da minha vida. Resolvendo focar a minha atenção e quaisquer talentos que eu por ventura tivesse em retornos monetários através de canais de negócios, decidi dedicar-me à profissão de publicitário. Tornei-me, então, o gerente de publicidade do curso de extensão La Salle da Universidade de Chicago. Tudo correu maravilhosamente bem durante um ano. Entretanto, no final desse ano, fui tomado por um violento desgosto pelo meu trabalho e, então, me demiti.

Posteriormente, ingressei no ramo de cadeias de lojas, juntamente com o ex-presidente da Universidade de Extensão La Salle. Logo me tornei presidente da Cia. de Doces Betsy Ross. Porém desacordos com os sócios desse negócio fizeram com que eu saísse do empreendimento. A atração pela propaganda ainda estava em meu sangue, e tentei novamente dar expressão a ela. Organizei uma escola de propaganda e vendas, como uma parte da Escola de Negócios Bryant & Stratton.

O empreendimento navegava em águas tranquilas e muito dinheiro entrava rapidamente. Foi então que os Estados Unidos tomaram parte da Primeira Guerra Mundial. Em resposta a um chamado interior, que palavras não conseguem descrever, saí da Escola e entrei para o serviço do governo dos Estados Unidos, sob a direção pessoal do presidente Woodrow Wilson, deixando um negócio fantástico desintegrar-se.

No dia do armistício, em 1918, comecei a atuar na publicação da revista *Golden Rule* (Regra de Ouro, na tradução livre). Apesar do fato de eu não ter

nenhum centavo de capital, a revista cresceu rapidamente e em pouco tempo ganhou circulação nacional, chegando a quase meio milhão de exemplares, finalizando seu primeiro ano de negócios com um lucro de 3,156 mil dólares. Alguns anos depois, aprendi com um experiente executivo de uma empresa de publicações que nenhum homem capaz naquele ramo pensaria em começar uma revista tal como esta com menos do que 500 mil dólares de capital.

A revista *Golden Rule* e eu estávamos destinados a nos separar. Quanto mais sucesso alcançávamos, mais descontente eu me tornava. Até que, finalmente, devido a um acúmulo de perturbações causadas por sócios no negócio, dei a revista como um presente a eles e deixei o negócio. Com essa atitude, provavelmente joguei fora uma pequena fortuna.

Logo após, organizei uma Escola de Treinamento para vendedores. Minha primeira missão era treinar um exército de vendas de 3 mil pessoas para uma rede de lojas. Receberia 10 dólares para cada vendedor que frequentasse a minha aula. Dentro de seis meses, esse trabalho havia me rendido um pouco mais de 30 mil dólares. O Sucesso, em termos financeiros, estava coroando meus esforços com abundância. Novamente meu espírito estava descontente. Eu não estava feliz. Tornava-se, a cada dia, mais óbvio que nenhuma quantidade de dinheiro, em algum momento, me faria feliz.

Sem a menor desculpa razoável por minhas ações, saí do negócio e desisti de um empreendimento no qual teria facilmente recebido um salário satisfatório. Meus amigos e sócios no negócio pensaram que eu estava louco, e eles não estavam tão errados nos seus pensamentos. No fundo, eu estava inclinado a concordar com eles, mas parecia que não havia nada que eu pudesse fazer para mudar de ideia. Procurava pela felicidade e ainda não a tinha encontrado. Pelo menos, essa é a única explicação que eu poderia oferecer para justificar as minhas atitudes um tanto quanto inusitadas. Qual o homem que realmente conhece a si mesmo?

Isso aconteceu no final do outono de 1923. Eu me sentia solitário em Columbus, Ohio, sem recursos e, pior ainda, sem nenhum plano para me tirar daquela situação difícil. Na verdade, era a primeira vez na vida que eu estava acuado devido à falta de recursos. Em muitas ocasiões, já havia passado por momentos de aperto, mas nunca antes havia faltado dinheiro a tal ponto de eu não conseguir suprir as minhas necessidades pessoais. A experiência me assombrou: eu parecia estar totalmente à margem do que poderia ou deveria fazer.

Pensei em uma dúzia de jeitos de conseguir resolver os meus problemas, mas descartei-os todos: eram impraticáveis e impossíveis de realizar. Me senti como alguém que estava perdido em uma selva, sem uma bússola sequer. Toda tentativa que eu fazia para me tirar da dificuldade acabava me trazendo de volta para o ponto de partida.

Por quase dois meses, sofri com a pior das doenças humanas: a indecisão.

Eu conhecia os dezessete princípios da realização pessoal, mas não sabia como aplicá-los. Sem saber, estava encarando uma daquelas emergências da vida de que o senhor Carnegie havia me falado, situações essas em que os homens muitas vezes descobrem os seus “Outros Eus”. Meu estresse era tão grande que em nenhum momento me ocorreu sentar, analisar a sua causa e procurar a sua cura.

Derrota é convertida em vitória

Uma tarde, tomei uma decisão que me ajudou a sair daquela situação. Eu tinha um sentimento de que o que eu realmente desejava era sair para os “espaços abertos do país”, onde poderia respirar ar fresco e, principalmente, pensar.

Comecei a caminhar e já havia percorrido mais ou menos sete ou oito milhas quando, de repente, me vi parado. Por muitos minutos, fiquei ali como se estivesse com os pés colados. Tudo na minha volta tornou-se escuro. Eu podia ouvir o som estridente de alguma forma de energia que estava vibrando a uma frequência muito alta.

Então meus nervos aquietaram-se, meus músculos relaxaram e uma grande calma tomou conta de mim. A atmosfera começou a clarear e, enquanto isso ocorria, recebi um comando de meu interior, que veio na forma de um pensamento, tão perto quanto eu posso descrevê-lo.

O comando era tão claro e distinto, que não havia meios de eu não entendê-lo. Na essência, ele disse: “Chegou o momento de você completar a filosofia de sucesso que você começou, seguindo a sugestão de Carnegie. Volte para casa de uma vez por todas e comece a transferir os dados que você juntou da sua própria mente, transformando-os em manuscritos”. O meu “Outro Eu” havia acordado.

Por alguns minutos, permaneci aterrorizado. Essa experiência não era parecida com nada que eu houvesse experimentado antes. Eu virei e caminhei rapidamente até chegar em casa. Quando me aproximei de casa, vi meus três filhos olhando pela janela para as crianças do vizinho, que estavam decorando uma árvore de Natal. Então, me lembrei que era véspera de Natal. Para completar, me dei conta, com um sentimento de pura tristeza, tal qual eu jamais havia experimentado, de que não haveria árvore de Natal na nossa casa. O olhar de desapontamento no rosto das minhas crianças me fez lembrar desse fato com muita dor.

Entre em casa, sentei em frente à minha máquina de escrever e comecei de uma vez por todas a transcrever todas as descobertas que eu havia feito, relacionadas às causas de sucesso e fracasso. No instante em que coloquei a primeira folha de papel na máquina, fui interrompido pelo mesmo sentimento estranho que havia me ocorrido algumas horas antes. E este

pensamento passou de forma muito clara na minha mente.

“Sua missão nesta vida é completar a primeira filosofia de sucesso e realização pessoal. Você tem tentado em vão escapar da sua tarefa, cada esforço trazendo fracasso para você. Você está procurando pela felicidade. Aprenda esta lição, de uma vez por todas: você somente achará a alegria ajudando outros a encontrá-la. Você tem sido um estudante teimoso. Você tinha que ser curado da sua teimosia através de desapontamentos sucessivos. Dentro de poucos anos, o mundo todo começará uma experiência na qual milhões de pessoas que necessitam desta filosofia terão acesso a ela, justamente devido a este direcionamento que você recebeu para completá-la. A sua grande oportunidade de achar a felicidade prestando um serviço útil terá chegado. Vá trabalhar e não pare até que você tenha completado e publicado os manuscritos que você começou.”

Eu estava consciente de ter chegado ao final do arco-íris da vida e estava feliz!

A dúvida aparece

O “feitiço”, se é que essa experiência pode ser assim chamada, passou. Comecei a escrever e, pouco depois, fui sugestionado pela minha “razão” e pensei que talvez eu estivesse entrando numa missão estúpida. A ideia de que um homem que estava em plena depressão e praticamente falido pudesse escrever uma filosofia de sucesso pessoal me parecia tão fantasiosa que ri vigorosamente e acabei dando gargalhadas.

Me arrumei na cadeira, passei os dedos pelo meu cabelo e tentei criar um álibi que justificaria à minha própria mente que eu deveria tirar o papel da máquina de escrever antes de começar. Mas a vontade de continuar era muito mais forte do que o desejo de desistir, e acabei me reconciliando com a minha tarefa e segui em frente.

Olhando aos eventos passados, agora sob a ótica de tudo o que aconteceu, posso ver que essas pequenas experiências de adversidade, pelas quais passei, foram entre as mais enriquecedoras e lucrativas de todas as minhas vivências. Elas na verdade foram bênçãos, porque me forçaram a continuar um trabalho que finalmente me trouxe uma oportunidade para me fazer mais útil ao mundo do que eu jamais teria sido caso tivesse sido bem-sucedido em quaisquer dos planos ou objetivos anteriores.

Por quase três meses, trabalhei nesses manuscritos, finalizand-os durante o começo de 1924. Assim que os completei, me senti novamente compelido a voltar ao grande jogo dos negócios americanos.

Sucumbindo ao meu desejo, comprei a Faculdade de Negócios Metropolitana em Cleveland, Ohio, e comecei a organizar os planos para aumentar a sua capacidade. No final de 1924, tínhamos desenvolvido e

expandido, adicionando novos cursos. Havíamos dobrado os números, considerando o melhor momento que a escola já tinha vivido.

Novamente, o germe do descontentamento começou a se fazer sentir em meu sangue. Mais uma vez, eu sabia que não poderia achar a felicidade neste tipo de empreendimento. Repassei o negócio aos meus sócios e fui para a plataforma de palestras, falando sobre a filosofia de realização e sucesso pessoal, para a organização pela qual eu havia devotado tantos dos meus anos anteriores.

Uma noite, estava marcado para eu palestrar em Canton, Ohio. O destino, ou o que quer que algumas vezes pareça moldar o futuro dos homens, não importasse o quanto eu tentasse lutar contra ele, novamente me colocou cara a cara com uma nova e muito dolorosa experiência.

No meu auditório em Canton estava sentado Don R. Mellett, responsável pela publicação do *Canton Daily News*. O Sr. Mellett ficou tão interessado na filosofia de realização e sucesso pessoal da minha palestra naquela noite que me convidou para visitá-lo no dia seguinte.

Essa visita resultou em um acordo de parceria que era para ter acontecido no dia 1^o de janeiro seguinte, quando o senhor Mellett planejava renunciar ao cargo de chefe da publicação do *Daily News* para se encarregar do negócio e da publicação da filosofia na qual eu estava trabalhando. Contudo, em julho de 1926, o Sr. Mellett foi morto por Pat McDermott, uma figura carimbada do submundo, e um policial de Canton, sendo ambos posteriormente sentenciados à prisão perpétua. Ele foi morto porque estava expondo em seu jornal uma ligação entre os bandidos e alguns membros da polícia de Canton. O crime foi um dos mais chocantes que a Era da Proibição já produziu.

O acaso (?) salva minha vida

Na manhã seguinte à morte do senhor Mellett, fui chamado no telefone por uma pessoa desconhecida que me alertou de que eu teria uma hora para sair de Canton e de que eu poderia ir voluntariamente dentro de uma hora, mas se eu esperasse mais tempo eu provavelmente iria dentro de um caixão. Minha associação com o senhor Mellett havia aparentemente sido mal interpretada. Seus assassinos decerto acreditavam que eu estava conectado de forma direta à exposição que ele vinha fazendo em seus jornais.

Não esperei acabar o meu limite de uma hora, mas imediatamente entrei no meu carro e dirigi para a casa de parentes nas montanhas a oeste de Virgínia, onde fiquei até que os assassinos tivessem sido colocados na prisão. Essa experiência veio bem dentro da categoria descrita pelo senhor Carnegie como “uma emergência” que força homens a pensarem. Pela primeira vez na minha vida, conheci a dor do medo constante. A minha experiência de

alguns anos anteriores, em Columbus, havia preenchido a minha mente com dúvida e indecisão temporária, mas esta preencheu a minha mente com um medo que parecia impossível de remover. Durante o tempo em que eu estava escondido, raramente deixava a casa à noite e, quando saía, mantinha minha mão em uma pistola automática levada no bolso do casaco, mantida destravada para ação imediata. Se um automóvel estranho parasse em frente à casa onde eu estava escondido, eu ia imediatamente para o porão e, com cuidado, escrutinava os seus ocupantes através das janelas.

Depois de alguns meses convivendo com esse tipo de experiência, meus nervos começaram a sentir. A coragem sumiu por completo, assim como a ambição que eu tinha em meu coração durante os longos anos de trabalho em busca das causas do fracasso e do sucesso também partiu.

Vagarosamente, passo a passo, me senti caindo num estado de total letargia da qual eu temia que jamais conseguisse emergir. O sentimento deve ter sido o mesmo que aqueles que pisam na areia movediça sentem, quando se dão conta de que cada esforço que fazem para tirá-los da areia apenas leva mais para o fundo. O medo é uma areia movediça que se retroalimenta.

Se a semente da insanidade estivesse presente na minha constituição física, certamente ela teria germinado durante esses meses subsistindo como um morto-vivo. Indecisão completa, sonhos irresolutos, dúvidas e medo eram tudo o que a minha mente experimentava dia e noite.

A “emergência” que eu encarei fora desastrosa por dois motivos. Primeiro, a verdadeira natureza dessa emergência me manteve num estado de constante indecisão e medo. Segundo, esse enclausuramento forçado me deixou em estado de tensão constante. Eu tendia a me preocupar com o peso do tempo que passava.

A minha faculdade da razão tinha sido quase paralisada. Me dei conta de que precisava trabalhar a minha mente para sair desse estado mental. Mas como? Os recursos que tinham me ajudado a resolver todas as emergências anteriores da minha vida parece que criaram asas e me deixaram completamente à mercê da situação.

Além de todas as dificuldades que eu estava enfrentando até esse momento, outra situação que parecia mais dolorosa que todas as outras combinadas surgiu. Era a tomada de consciência de que eu havia gasto a maior parte dos meus últimos anos em busca do arco-íris, procurando aqui e lá pelas causas do sucesso, e me achando agora neste exato momento mais fraco e incapacitado do que qualquer uma das 25 mil pessoas às quais eu havia julgado como sendo “fracassos”.

Esse pensamento era quase que enlouquecedor. Além disso, era também extremamente humilhante, porque eu estava palestrando por todo o país em escolas e faculdades e para organizações de comércio, tentando contar às outras pessoas como aplicar os 17 princípios do sucesso, enquanto aqui estava

eu, incapaz de aplicá-los para mim mesmo. Estava certo de que nunca mais poderia encarar o mundo com um sentimento de confiança.

Toda vez em que me olhava no espelho, notava uma expressão de desgosto próprio na minha face, e frequentemente disse coisas ao homem no espelho que não devem ser escritas. Eu havia começado a tomar o lugar na categoria dos charlatões que oferecem a outros um remédio para a cura que eles não conseguem aplicar com sucesso a si mesmos.

Os criminosos que assassinaram o senhor Mellett foram julgados e mandados para a prisão perpétua; por isso, seria perfeitamente seguro, considerando onde eles estavam, sair do meu esconderijo e novamente tocar o meu trabalho. Contudo, não conseguia sair porque agora encarava circunstâncias mais aterrorizantes do que aquela que havia sido criada pelos assassinos.

A experiência destruíra qualquer tipo de iniciativa que eu havia possuído. Eu sentia uma influência de tal modo depressiva que tudo parecia um pesadelo. Estava vivo e poderia me mover, mas não conseguia pensar em um único movimento por meio do qual eu pudesse continuar a procurar pela meta que eu tinha estipulado para mim mesmo, baseado na sugestão do senhor Carnegie. Estava rapidamente me tornando indiferente não apenas a mim mesmo, mas, pior ainda, começava a me tornar mal-humorado e irritado com aqueles que haviam me oferecido abrigo durante a minha “emergência”.

Encarei a maior emergência da minha vida. A menos que tenha passado por uma experiência similar, você não consegue imaginar como me senti. Tais experiências não conseguem ser descritas. Para serem entendidas, devem ser sentidas.

O momento mais dramático da minha vida

A virada veio de repente, no outono de 1927, mais de um ano após o incidente de Canton. Deixei a casa em uma noite e caminhei para o prédio da escola pública que se situava no topo de uma montanha acima da cidade. Eu havia chegado a uma decisão de lutar contra tudo aquilo antes que a noite acabasse. Comecei a caminhar em volta do edifício, tentando forçar meu cérebro confuso a pensar com clareza. Devo ter dado centenas de voltas ao redor do prédio antes que qualquer coisa que se assemelhasse a um pensamento organizado pudesse cruzar a minha mente. Enquanto caminhava, repetia constantemente para mim mesmo: “Existe uma saída e vou achá-la antes de voltar pra casa”. Devo ter repetido essa frase mil vezes. Além disso, estava decidido a fazer exatamente o que eu estava dizendo a mim mesmo. Estava totalmente desgostoso comigo mesmo, mas ensaiei uma esperança de salvação.

Então, como um raio que cai de um céu claro, uma ideia explodiu em minha mente com tal força que o impulso fez com que meu sangue subisse e descesse das minhas veias de forma abrupta: “Este é o seu período de teste. Você foi reduzido à pobreza e humilhado para que pudesse ser forçado a descobrir o seu outro eu”.

Pela primeira vez em anos, recordei o que o senhor Carnegie dissera sobre este “outro eu”. Nesse momento, lembrei-me que ele havia dito que eu descobriria este outro eu no final do meu trabalho de pesquisa pelas causas de fracasso e sucesso, e ainda recordei que ele disse que a descoberta normalmente viria como resultado de uma emergência, quando homens são forçados a mudar os seus hábitos e pensar formas de sair da dificuldade.

Continuei caminhando ao redor da escola, só que agora eu estava flutuando. Inconscientemente, parecia saber que estava para ser liberado da prisão que havia feito a mim mesmo.

A partir desse momento, me dei conta de que esta grande emergência havia me trazido uma oportunidade não somente para descobrir o meu “outro eu”, mas também para testar a eficácia da filosofia de sucesso que eu vinha ensinando a outros como sendo algo palpável e realizável. Brevemente, eu saberia se ela funcionaria ou não. Tomei a decisão de que, se ela não funcionasse, eu queimaria todos os manuscritos e nunca mais me sentiria culpado por tentar provar aos outros que eles eram “os mestres de seus destinos, os capitães de suas almas”.

A lua cheia estava recém cobrindo o topo da montanha. Eu nunca a havia visto brilhar tão intensamente antes. Enquanto a estava contemplando, outro pensamento cruzou a minha mente: “Você tem mostrado às outras pessoas como dominar o medo e como sobrepujar as dificuldades que surgem nas emergências da vida. De agora em diante, você pode falar com autoridade, porque está a ponto de superar as suas próprias dificuldades com coragem e objetivo, resoluta e destemida”.

Com este pensamento veio uma mudança na química do meu ser que me elevou a um estado de euforia que eu nunca havia experimentado. Meu cérebro começou a clarear, e o estado de letargia no qual ele se encontrava começou a passar. A minha razão passou a trabalhar novamente.

Por um breve momento, estava feliz pelo privilégio de passar por longos meses de tormento, já que a experiência me ofereceu a oportunidade de testar a eficácia dos princípios de sucesso, os quais eu vinha pesquisando de forma inexorável.

Quando este pensamento surgiu, parei, uni os meus pés, saudei (eu não sabia o que ou quem) e fiquei rigidamente em estado de meditação por muitos minutos. Isso parecia, de início, uma atitude boba, mas, enquanto eu estava lá de pé naquele estado, outro pensamento cruzou a minha mente em forma de uma “ordem”, que era tão breve e instantânea quanto uma ordem

dada por um comandante militar a um subordinado.

A ordem dizia: “Amanhã, entre no seu carro e dirija até a Filadélfia. Lá você receberá ajuda para publicar a sua filosofia do sucesso”.

Não havia nenhuma forma de explicação e qualquer tipo de modificação da ordem. Tão logo a recebi, caminhei de volta para casa, fui para a cama e dormi profundamente com uma paz de espírito tal que não experimentava havia mais de um ano.

Quando acordei na manhã seguinte, me levantei da cama e imediatamente comecei a fazer as malas para a viagem à Filadélfia. Minha razão me dizia que eu estava embarcando numa missão sem sentido. Quem eu poderia conhecer na Filadélfia que pudesse me ajudar financeiramente a publicar oito volumes de livros a um custo de 25 mil dólares? Eu me questionei.

Instantaneamente, ouvi em minha mente a resposta para essa questão de forma tão clara como se as palavras tivessem sido ditadas em meu ouvido: “Você agora está seguindo ordens, em vez de ficar fazendo perguntas. O seu ‘outro eu’ estará no comando durante toda esta viagem”.

Havia outra condição que parecia fazer a minha preparação para ir à Filadélfia algo que beirava o absurdo. Eu não tinha dinheiro. Esse pensamento mal me havia ocorrido quando meu “outro eu” explodiu dando uma ordem enfática: “Peça para o seu cunhado 50 dólares e ele emprestará para você”.

A ordem parecia definitiva e final. Sem qualquer hesitação, segui as instruções. Quando pedi o dinheiro ao meu cunhado, ele disse: “Claro, certamente vou lhe emprestar os 50, mas, se você vai para tão longe, seria melhor levar 100 dólares”. Agradei a ele e disse que 50 dólares seriam o suficiente. Sabia que não bastava, mas esta era a quantia que meu “outro eu” havia me ordenado a pedir, e foi exatamente isso que fiz.

Eu estava bastante aliviado quando me dei conta de que meu cunhado não ia me perguntar por que eu estava indo para a Filadélfia. Se ele soubesse tudo que havia se passado pela minha mente na noite anterior, talvez pensasse que eu deveria ir para um hospital psiquiátrico em vez de sair em busca do pote de ouro no final do arco-íris.

Meu “outro eu” assume o comando

Parti com a minha cabeça me dizendo que eu era um idiota e meu “outro eu” me ordenando ignorar o desafio e seguir as instruções. Dirigi a noite inteira, chegando à Filadélfia na manhã seguinte. Meu primeiro pensamento foi o de procurar uma pensão onde eu pudesse alugar um quarto de um dólar por dia.

Nesse momento, novamente o meu “outro eu” tomou conta e ordenou que eu me hospedasse no hotel mais luxuoso da cidade. Com um pouco mais de 40 dólares no bolso, que era o que restava do meu capital, parecia mais um suicídio financeiro quando caminhei até o balcão e pedi por um quarto; ou, devo dizer, quando comecei a pedir por um quarto, meu recém-descoberto “outro eu” me ordenou pedir a melhor de todas as suítes. O custo dessa suíte consumiria o meu capital em dois dias. Obedeci.

O carregador de malas pegou a minha bagagem, me entregou o ticket do estacionamento do meu automóvel e me conduziu até o elevador como se eu fosse o Príncipe de Gales. Era a primeira vez em mais de um ano que um ser humano havia demonstrado tal deferência para comigo. Meus próprios parentes, esses com quem eu estava morando, longe de me mostrar qualquer tipo de consideração, ainda achavam que eu era um peso para eles, e tenho certeza de que eu era, porque nenhum homem no estado mental em que eu me encontrava no último ano poderia ser qualquer coisa além de um peso a todos aqueles com os quais por ventura entrasse em contato.

Tornava-se evidente que meu “outro eu” estava determinado a me tirar do complexo de inferioridade que eu havia desenvolvido.

Dei ao carregador de malas um dólar. Comecei a estimar quanto seria a minha conta do hotel até o fim da semana, quando então o meu “outro eu” ordenou que eu limpasse completamente a minha mente de quaisquer pensamentos de limitação e que conduzisse a minha vida a partir daquele momento como se tivesse todo o dinheiro que quisesse nos meus bolsos.

A experiência pela qual estava passando era tanto nova quanto estranha para mim. Nunca consegui ser mais do que eu acreditava que poderia ser.

Por quase meia-hora, este “outro eu” me deu ordens que segui à risca durante o período da minha estada na Filadélfia. As instruções que recebi por meio desses pensamentos se apresentaram à minha mente com tal força que eles eram facilmente distinguíveis de pensamentos normais criados pelo meu eu tradicional.

Eu recebo “ordens” estranhas de uma fonte estranha

Minhas instruções começaram desta forma:

“A partir deste momento, você está completamente no comando do seu ‘outro eu’. De agora em diante, você deve saber que duas entidades ocupam o seu corpo, na verdade duas entidades similares ocupam o corpo de cada ser vivente do Planeta Terra.”

“Uma dessas entidades é motivada e responde pelo impulso do medo. A outra é motivada e responde ao impulso da fé. Por mais de um ano você foi conduzido como um escravo pela entidade do medo.”

“Há duas noites, a Entidade Fé assumiu o controle do seu corpo físico, e a partir daquele momento você foi motivado por essa entidade. Por mera conveniência, você pode chamar essa Entidade Fé de seu ‘outro eu’. Ela não conhece limitações, não possui medos e não reconhece a palavra ‘impossível’.”

“Você foi direcionado a selecionar esse ambiente de luxo em um bom hotel, como um meio de desencorajar o retorno da entidade medo. Esse antigo eu motivado pelo medo não está morto; ele simplesmente foi destronado. E ele o seguirá aonde quer que você vá, esperando uma oportunidade favorável para tomar conta de você novamente. Ele somente pode tomar o controle de você por meio dos seus pensamentos. Lembre-se disso e mantenha as portas da sua mente hermeticamente fechadas contra todos os pensamentos que procuram limitá-lo de qualquer maneira e você assim ficará a salvo.”

“Não se permita preocupar-se com o dinheiro que você precisará para suas despesas imediatas. O recurso virá a você no momento em que você necessitar dele.”

“Agora, vamos aos negócios. Antes de qualquer coisa, você deve saber que a entidade Fé, que agora está no comando do seu corpo, não faz nenhum tipo de milagre e também não trabalha em oposição a nenhuma das leis da natureza. Enquanto ela estiver no comando do seu corpo, ela o guiará sempre que você a chamar, através de impulsos de pensamentos que cruzarão pela sua mente e o ajudarão a realizar todos os seus planos pela maneira mais natural, conveniente e lógica possível.”

“Acima de qualquer coisa, tenha este fato claramente fixado na sua mente, que o seu ‘outro eu’ não fará o trabalho por você, ele somente o guiará inteligentemente no caminho para você conquistar todos os seus objetivos e desejos.”

“Este ‘outro eu’ o ajudará a transformar todos os seus planos em realidade. Além disso, você deve saber que ele começa sempre com o seu maior ou mais pronunciado desejo. Neste momento, o seu maior desejo – aquele que o trouxe até aqui – é publicar e distribuir os resultados da sua pesquisa nas causas de sucesso e fracasso. A sua estimativa é de que serão necessários aproximadamente 25 mil dólares.”

“Entre os seus conhecidos, há um homem que estará disposto a investir o capital necessário. Comece de uma vez a imaginar e focar no nome de todas as pessoas do seu círculo de conhecidos que poderiam de alguma maneira ser induzidos a fornecer a ajuda financeira de que você está precisando.”

“Quando o nome da pessoa certa vier à sua mente, você o reconhecerá imediatamente. Entre em contato com essa pessoa, e a ajuda que você procura será dada. Nos seus argumentos, contudo, apresente o seu pedido em uma terminologia tal que você usaria numa transação usual de negócios.

Jamais, sob nenhuma hipótese, faça qualquer referência à descoberta desse seu ‘outro eu’. Se você violar essas instruções, será acometido por uma derrota temporária.”

“O seu ‘outro eu’ continuará no comando e permanecerá a guiá-lo enquanto você quiser fazer uso dele. Mantenha a dúvida, o medo e as preocupações e todos os pensamentos de limitação totalmente fora da sua mente.”

“Isso é tudo para o momento. A partir de agora você começará a se mexer por seu livre-arbítrio, precisamente da mesma maneira que você começou antes de descobrir o seu ‘outro eu’. Fisicamente, você é o mesmo que sempre foi; por isso ninguém reconhecerá nenhuma mudança em você.”

Olhei em volta do quarto, pisquei os olhos e, para ter certeza de que não estava sonhando, levantei e caminhei até um espelho e olhei para mim de perto. A expressão do meu rosto havia mudado de dúvida para Coragem e Fé. Não havia mais qualquer sinal de dúvida na minha mente, visto que o meu corpo físico estava sob uma influência muito diferente daquela que havia sido destronada duas noites antes, enquanto eu caminhava na escola na West Virgínia.

Capítulo Dois

UM NOVO MUNDO SE REVELA PARA MIM

Obviamente, eu havia passado por uma experiência de renascimento em que todas as formas de medo haviam se afastado de mim. Eu agora tinha coragem de tal maneira que nunca havia experimentado antes. Apesar do fato de ainda não ter sido mostrado para mim como ou de que fonte eu seria capaz de receber os recursos necessários, eu tinha fé inabalável de que o dinheiro estava vindo ao meu alcance, na verdade conseguia enxergá-lo já em minha posse.

Em muito poucas ocasiões na minha vida inteira pude experimentar tal tipo de fé. Na verdade, era um sentimento indescritível. Não há palavras na língua portuguesa que possam descrevê-lo – fato que todos aqueles que tiveram experiências similares podem facilmente testemunhar.

Naquele instante, comecei a colocar em prática as instruções que havia recebido. Todo aquele sentimento de que eu estaria entrando em uma missão impossível agora haviam me deixado. Um por um, comecei a buscar em minha mente os nomes de todos os meus conhecidos que talvez pudessem ser capazes de financiar os 25 mil dólares de que eu precisava, começando com o nome de Henry Ford e passando por toda a lista de mais de trezentas pessoas. Meu “outro eu” simplesmente disse: “Continue procurando”.

A hora mais escura é justamente um pouco antes da aurora

Mas eu chegara ao fim da linha. Minha lista inteira de conhecidos havia sido esgotada, e com ela minha resistência física também. Eu estava trabalhando, concentrando a minha mente naquela lista de nomes por basicamente dois dias e duas noites, parando somente para dar alguns cochilos.

Recostei-me na cadeira, fechei meus olhos e entrei numa espécie de transe por alguns minutos. Fui acordado pelo que parecia ser uma explosão no quarto. Conforme ganhei consciência, o nome de Albert L. Pelton apareceu em minha mente... e com ele um plano que eu soube instantaneamente ser o plano que me faria ter sucesso em persuadir o Sr. Pelton a publicar os meus livros. Eu me lembrei do senhor Pelton somente como um editor na revista *Golden Rule* (Regra de Ouro) – aquela que eu havia publicado em anos anteriores.

Eu me sentei, peguei a máquina de escrever e enderecei uma carta ao senhor Pelton em Meriden, Connecticut, e descrevi o plano da mesma maneira que ele havia sido entregue para mim. Ele respondeu por telegrama,

dizendo que estaria na Filadélfia para me ver no dia seguinte.

Quando ele chegou, mostrei a ele os manuscritos originais da minha filosofia e brevemente expliquei qual seria a sua missão. Ele pegou os manuscritos, folheou algumas páginas por alguns minutos, então parou de repente e com os olhos fixos na parede por alguns segundos disse: “Eu publicarei os livros para você”.

O contrato foi assinado; uma quantia substancial de *royalties* me foi paga, e os manuscritos foram entregues a ele, que os levou para Meriden.

Eu não perguntei a ele o que o fez tomar a decisão de publicar os meus livros antes mesmo de tê-los lido, o que eu sei é que ele me forneceu o capital necessário, imprimiu os livros e me ajudou a vender milhares deles para a sua própria clientela de compradores de livros, espalhados em praticamente todos os países de língua inglesa no mundo.

Meu “outro eu” se sai bem

Três meses após o dia que o senhor Pelton me visitou na Filadélfia, um jogo completo com todos os meus livros estava em cima da mesa, bem na minha frente, e minha renda da venda dos livros era grande o suficiente para suprir todas as minhas necessidades. Esses livros agora estão nas mãos de todos os meus estudantes do mundo inteiro.

Meu primeiro cheque dos *royalties* referente à venda dos meus livros alcançou a quantia de 850 dólares. No momento em que abri o envelope para apanhar o cheque, meu “outro eu” disse: “Sua única limitação é aquela que você impõe em sua própria mente”.

Não tenho certeza de que eu entenda exatamente o que esse “outro eu” seja, mas tenho plena convicção de que não há derrota permanente para o homem ou a mulher que o descubra e confie nele.

No dia após o senhor Pelton ter ido me visitar na Filadélfia, o meu “outro eu” me presenteou com uma ideia que resolveu imediatamente o meu problema financeiro. A ideia que cruzou a minha mente me mostrava que os métodos de venda da indústria automobilística tinham que passar por uma mudança drástica e que os futuros vendedores desta área da indústria teriam que aprender a VENDER automóveis, em vez de meramente servir de compradores de carros usados, como a maioria estava fazendo na época.

Ocorreu-me também que jovens rapazes que haviam recém-finalizado a faculdade e que por isso não conheciam nada dos velhos “truques” da venda de automóveis seriam o ponto de partida desse novo tipo de profissional de vendas e poderiam ser mais bem desenvolvidos.

A ideia era tão distinta e impressionante que eu imediatamente liguei para o gerente de vendas da General Motors e brevemente expliquei meu

plano. Ele também ficou impressionado e me indicou para visitar uma filial da Companhia de Automóveis Buick, que naquela época era propriedade e dirigida por Earl Powell. Eu visitei o senhor Powell, expliquei-lhe meu plano e ele imediatamente me colocou para treinar quinze garotos cuidadosamente selecionados da faculdade.

A minha renda deste treinamento foi mais do que suficiente para tomar conta de todas as minhas despesas pelos próximos três meses, até que os resultados da venda dos meus livros começassem a entrar, incluindo o custo daquela luxuosa suíte que naquela época me preocupou muito.

Meu “outro eu” não havia me desapontado. O dinheiro que eu precisava estava em minhas mãos justamente no momento em que eu precisei. Nesse momento, fui convencido de que a minha viagem para a Filadélfia não era, sob nenhuma hipótese, uma missão sem sentido, conforme minha razão havia indicado antes de partir do Oeste da Virgínia.

Daquele momento em diante até este exato minuto, tudo o que eu precisei veio até mim. E isso mesmo considerando que o mundo inteiro recentemente passara por um período de depressão econômica quando mesmo as necessidades básicas não estavam disponíveis para muitas pessoas. Em alguns momentos, a chegada das coisas materiais das quais eu precisei veio um pouco tarde, mas posso com toda a certeza dizer que o meu “outro eu” sempre me encontrou no cruzamento e por sua vez sempre me indicou por qual caminho eu deveria seguir.

O “outro eu” não possui precedentes, não reconhece nenhum tipo de limite e sempre, sempre acha um modo de satisfazer nossos desejos! Ele pode se deparar com derrotas temporárias, mas nunca com fracasso permanente. Tenho tanta certeza disso que estou afirmando quanto o fato de estar aqui escrevendo estas linhas.

Enquanto isso, sinceramente espero que alguns dos milhões de homens e mulheres que foram atingidos pela depressão econômica ou outros dissabores da vida descubram dentro de si mesmos essa estranha entidade que eu chamei de meu “outro eu” e que essa descoberta os guie, como me guiou a um intenso e próximo relacionamento com essa fonte de energia que supera obstáculos e resolve todas as dificuldades, em vez de ser derrotada por elas. Há uma grande força a ser descoberta no seu “outro eu”! Procure com todo o seu ser e você o achará.

“Fracasso”: uma benção disfarçada

Fiz outra descoberta como resultado dessa apresentação ao meu “outro eu”, ou seja, há uma solução para cada problema legítimo, não importa quão difícil o problema pareça ser. Também descobri que para cada experiência de derrota temporária, para cada fracasso e cada forma de adversidade existe a

semente de um benefício equivalente.

Entenda o que eu quero dizer, não afirmei que isso seria uma flor desabrochada do sucesso, mas sim a semente pela qual essa flor germinará e crescerá. Para essa regra não há exceções. A semente da qual eu falo nem sempre pode ser observada, mas pode ter certeza de que ela está lá, de uma forma ou de outra.

Não pretendo entender tudo sobre essa estranha força que me reduziu à pobreza e a uma situação de necessidade e medo e então fez renascer uma fé dentro de mim através da qual tive o privilégio de ajudar a dezenas de milhares de pessoas que se achavam descendo a ladeira. Mas sei que tal força entrou em minha vida como uma missão para que eu pudesse colocar outros em contato com ela.

Durante um quarto de século em que me dediquei à pesquisa das causas de sucesso e fracasso, descobri muitos princípios de verdade que têm sido úteis para mim e para outros, mas nada que observei me impressionou tanto quanto a descoberta de que cada grande líder do passado foi tomado por dificuldades e encontrou derrotas temporárias antes de alcançar os seus objetivos.

De Cristo até Edson, os homens que mais realizaram foram os que mais se depararam com formas duradouras de fracasso temporário. Isso pareceria justificar a conclusão de que a inteligência infinita tem um plano, ou uma lei pela qual ela faz com que homens se deparem com muitos obstáculos, antes de dar-lhes o privilégio da liderança ou a oportunidade de realizar um serviço útil, de uma forma notável.

Eu não desejava sujeitar-me novamente às experiências pelas quais passei naquela noite fatídica de véspera de Natal em 1923, e também naquela noite quando caminhei em volta da escola na West Virgínia e lutei aquela terrível batalha contra o medo, mas toda riqueza do mundo não seria capaz de me fazer **abandonar** o conhecimento que ganhei dessa experiência.

A fé tem um novo significado para mim

Repito que não sei exatamente o que é este “outro eu”, mas sei o suficiente para me apoiar nele com um espírito de absoluta fé em tempos de necessidade, quando a razão da minha mente parece inadequada para suprir as minhas necessidades.

A depressão econômica que começou em 1929 trouxe miséria para milhões de pessoas, mas não devemos esquecer que a experiência também trouxe muitas bênçãos, a começar pelo conhecimento de que há algo infinitamente pior do que ser forçado a trabalhar, que é ser forçado a não trabalhar. De certa forma, essa depressão foi mais uma bênção do que uma maldição, se analisada à luz das mudanças que trouxe para as mentes de

todos que foram afetados por ela. O mesmo é verdadeiro para cada experiência que altera os hábitos dos homens e os força a olhar para o seu “interior”, para a solução dos seus problemas.

O tempo que passei em reclusão na West Virgínia foi, sem sombra de dúvidas, a mais severa das punições da minha vida, mas a experiência trouxe bênçãos na forma de conhecimentos de que eu precisava e que de certa forma mais do que compensaram o sofrimento. Estes dois resultados – o sofrimento e o conhecimento ganho dele – foram inevitáveis. A Lei da Compensação, a qual Ralph Waldo Emerson tão claramente definiu, fez esse resultado um tanto quanto natural e necessário.

O que o futuro pode guardar para mim na forma de desapontamentos, através de derrotas temporárias, com certeza não tenho meios de saber. Mas sei, contudo, que nenhuma experiência do futuro pode possivelmente me atingir tão profundamente quanto aquelas do passado, porque agora tenho acesso ao meu “outro eu”. Desde que este “outro eu” tomou conta de mim, venho tendo acesso a um tipo de conhecimento que por certo não teria descoberto enquanto a minha antiga entidade, chamada medo, estava no controle. Aprendi que todos aqueles que se deparam com dificuldades que parecem insolúveis podem resolvê-las e ainda melhor lidar com elas, se estiverem dispostos a esquecer suas próprias dificuldades e partir para ajudar outras pessoas que por ventura estejam passando por dificuldades maiores.

O valor de dar antes de tentar conseguir

Tenho plena certeza de que nenhum esforço que nós possamos fazer em prol daqueles que estão em momentos de dificuldade ocorre sem algum tipo de recompensa adequada. Nem sempre a recompensa vem daquelas próprias pessoas para as quais prestamos serviços, mas a mesma virá de uma fonte ou outra.

Desconfio seriamente de que nenhum homem pode utilizar-se dos benefícios deste “outro eu” enquanto estiver impregnado pela ganância e pela avareza, pela inveja e pelo medo. Mas, se eu estiver errado nesta conclusão, ainda tenho a honra de ser aquele que achou paz de espírito e alegria através de um ponto de vista que não estava correto. Eu preferiria assim, estar errado e feliz a estar certo e infeliz! Mas esse ponto de vista não está errado.

Enquanto eu estiver de bem com o meu “outro eu”, serei capaz de adquirir qualquer coisa material de que precise. Além disso, serei capaz de conquistar felicidade e paz de espírito. O que mais poderia alguém querer?

O único motivo que me inspirou a escrever este livro foi um desejo profundo e sincero de ser útil a outros, compartilhando com eles tanto quanto eles estejam preparados para aceitar a fortuna que se tornou minha,

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Mais Esperto que o Diabo"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).